



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Pátio São Dâmaso

Quarta-feira, 30 de junho de 2021

[Multimídia]

Catequese - 2. Paulo, verdadeiro apóstolo

Irmãos e irmãs, bom dia!

Estamos a entrar um pouco de cada vez na *Carta aos Gálatas*. Vimos que estes cristãos se encontram em conflito sobre como viver a fé. O Apóstolo Paulo começa a sua Carta recordando-lhes as suas relações passadas, o seu mal-estar pela distância e o amor imutável que sente por cada um deles. Não deixa, contudo, de assinalar a sua preocupação de que os Gálatas sigam o caminho reto: é a preocupação de um pai, que gerou comunidades na fé. A sua intenção é muito clara: é necessário reafirmar a novidade do Evangelho, que os Gálatas receberam da sua pregação, a fim de construir a verdadeira identidade sobre a qual basear a própria existência. E este é o princípio: reiterar a novidade do Evangelho, aquele que os Gálatas receberam do Apóstolo.

Descobrimos imediatamente que Paulo é um profundo conhecedor do mistério de Cristo. Desde o início da sua Carta ele não segue os argumentos superficiais utilizados pelos seus opositores. O Apóstolo “voa alto” e também nos indica como agir quando surgem conflitos dentro da comunidade. Apenas no final da Carta, de facto, é explicitado que o cerne da diatribe suscitada é o da circuncisão, portanto a principal tradição judaica. Paulo opta por ir mais a fundo, porque o que está em jogo é a verdade do Evangelho e a liberdade dos cristãos, que é uma parte

integrante do mesmo. Ele não se detém na superfície dos problemas, dos conflitos, como somos frequentemente tentados a fazer para encontrar uma solução imediata que nos ilude a pensar que todos podemos concordar com concessões. Paulo ama Jesus e sabe que Jesus não é um homem-Deus que faz concessões. Não é assim que funciona com o Evangelho e o Apóstolo escolheu seguir o caminho mais exigente. Escreve: «É, porventura, o favor dos homens que eu procuro, ou o de Deus?». Ele não procura fazer a paz com todos. E continua: «Por acaso tenho interesse em agradar aos homens? Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo!» (*Gl* 1, 10).

Em primeiro lugar, Paulo sente-se obrigado a recordar aos Gálatas que é um verdadeiro apóstolo não por causa do seu mérito, mas devido à chamada de Deus. Ele próprio conta a história da sua vocação e conversão, que coincidiu com a aparição do Cristo Ressuscitado durante a viagem a Damasco (cf. *At* 9, 1-9). É interessante notar o que ele diz sobre a sua vida antes desse acontecimento: «com que excesso perseguia a Igreja de Deus e a assolava; excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições dos meus pais» (*Gl* 1, 13-14). Paulo ousa dizer que ultrapassou todos no judaísmo, era um verdadeiro fariseu zeloso, «irrepreensível na justiça que vem da observância da lei» (*Fl* 3, 6). Por duas vezes enfatiza que tinha sido um defensor das «tradições dos pais» e um «crente firme na lei». Esta é a história de Paulo.

Por um lado, insiste em sublinhar que perseguiu ferozmente a Igreja e que foi um «blasfemador, um perseguidor, um homem violento» (*1 Tm* 1, 13); não poupa adjetivos: ele mesmo se qualifica assim – por outro lado, evidencia a misericórdia de Deus para com ele, o que o levou a experimentar uma transformação radical, bem conhecida por todos. Ele escreve: «Eu era ainda pessoalmente desconhecido das comunidades cristãs da Judeia; tinham elas apenas ouvido dizer: “Aquele que antes nos perseguia, agora prega a fé que outrora combatia”» (*Gl* 1, 22-23). Converteu-se, mudou, mudou o coração. Paulo evidencia assim a verdade da sua vocação através do contraste flagrante que tinha sido criado na sua vida: de perseguidor dos cristãos porque não observavam as tradições e a lei, tinha sido chamado a tornar-se apóstolo para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. Mas vemos que Paulo é livre: é livre para anunciar o Evangelho e também é livre para confessar os seus pecados. “Eu era assim”: é a verdade que dá a liberdade do coração, é a liberdade de Deus.

Pensando nesta sua história, Paulo está cheio de admiração e gratidão. É como se quisesse dizer aos Gálatas que podia ter sido tudo menos apóstolo. Desde criança fora educado para ser um observador irrepreensível da Lei mosaica, e as circunstâncias tinham-no levado a lutar contra os discípulos de Cristo. No entanto, algo inesperado aconteceu: Deus, pela sua graça, revelou-lhe o seu Filho que morreu e ressuscitou, para que pudesse tornar-se o seu arauto entre os gentios (cf. *Gl* 1, 15-16).

Quão imperscrutáveis são os caminhos do Senhor! Tocamo-lo com as nossas mãos todos os

dias, mas especialmente se pensarmos nos momentos em que o Senhor nos chamou. Nunca devemos esquecer o tempo e a forma como Deus entrou na nossa vida: ter fixo no coração e na mente aquele encontro com a graça, quando Deus mudou a nossa existência. Quantas vezes, perante as grandes obras do Senhor, surge espontaneamente a pergunta: mas como é possível que Deus se sirva de um pecador, de uma pessoa frágil e fraca, para realizar a sua vontade? E no entanto, não há nada de casual, porque tudo foi preparado no desígnio de Deus. Ele tece a nossa história, a história de cada um de nós: Ele tece a nossa história e se correspondermos com confiança ao seu plano de salvação, apercebemo-nos disso. A chamada envolve sempre uma missão à qual estamos destinados; por isso é-nos pedido que nos preparemos seriamente, sabendo que é o próprio Deus que nos envia, o próprio Deus que nos apoia com a sua graça. Irmãos e irmãs, deixemo-nos guiar por esta consciência: o primado da graça transforma a existência e torna-a digna de ser colocada ao serviço do Evangelho. O primado da graça cobre todos os pecados, muda os corações, muda a vida, mostra-nos novos caminhos. Não nos esqueçamos disto!

Saudações:

Saúdo os fiéis de língua portuguesa e confio à Virgem Maria os vossos corações e os vossos passos. Encorajo-vos a apostar em ideais grandes de serviço, que engrandecem o coração e tornam fecundos os vossos talentos. De bom grado vos abençoo a vós e aos vossos entes queridos!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Na *Carta aos Gálatas*, Paulo afirma que é um verdadeiro apóstolo, não por mérito próprio, mas por chamamento de Deus; e mostra a verdade da sua vocação através dum contraste impressionante que marca a sua vida: de perseguidor que era dos cristãos, porque não observavam as tradições e a lei de Moisés, foi chamado a tornar-se apóstolo precisamente para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo que combatia. Ao narrar esta inversão de rumo na sua vida, o próprio Paulo se maravilha e confessa a Deus a sua gratidão. É como se quisesse dizer aos Gálatas que ele poderia ter sido tudo, menos Apóstolo. Desde pequeno fora educado para ser um observante irrepreensível da lei de Moisés, e as circunstâncias tinham-no levado a combater os discípulos de Cristo. Mas aconteceu algo de inesperado: Deus, com a sua graça, revelara-lhe o seu Filho morto e ressuscitado, para que se tornasse seu arauto no meio dos gentios. Como são imperscrutáveis os caminhos do Senhor! Constatamo-lo todos os dias, mas vemo-lo sobretudo no momento em que o Senhor nos chamou. Não devemos jamais esquecer o período e o modo como Deus entrou na nossa vida: havemos de conservar vivo, no coração e na

mente, aquele encontro com a graça em que Deus mudou a nossa vida. À vista da obra do Senhor, quantas vezes nos apetece perguntar: Como é possível que Deus se sirva dum pecador, dum pessoa fraca e débil como eu para cumprir a sua vontade? E todavia não aconteceu por acaso! Tudo estava previsto nos desígnios de Deus. Se correspondermos confiadamente ao seu plano de salvação, dar-nos-emos conta de como Ele tece a nossa história. A vocação tem sempre em vista uma missão para que fomos destinados; daí a necessidade de nos prepararmos seriamente para ela, cientes de que é o próprio Deus que nos envia e sustenta com a sua graça.